



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 17, n. 2, art. 12, p. 225-236, fev. 2020

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2020.17.2.12>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Literatura e Ensino de Língua

Literature and Language Teaching

Amós Coêlho da Silva

Doutor em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Professor Associado do Instituto de Letras - Universidade do Estado do Rio
E-mail: amoscoelho@uol.com.br

Anne Marylin da Silva Santos

Mestra em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Atualmente é professora Secretária de Estado de Educação
E-mail: nuanne@gmail.com

Endereço: Amós Coêlho da Silva

Rua Ramiro Magalhães, 352 Engenho de Dentro - CEP
20730-460 - Rio de Janeiro - RJ, Brasil.

Endereço: Anne Marylin da Silva Santos

Rua Crato, 51 Bl. 06 apto. 301, Penha Circular Rio de
Janeiro RJ, Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 04/09/2019. Última versão
recebida em 26/09/2019. Aprovado em 27/09/2019.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Se propusermos um recorte de estudo sobre questões da língua, necessitaremos de um apoio a partir de textos literários. Assim, como a língua depende da linguagem para se configurar socialmente, se poderá indagar através da linguagem que suporta uma expressão corporal e atos individuais de entoação da oralidade, pressupondo uma existência simbólica, e daí, poderia transparecer o sistema linguístico especificado - como uma língua portuguesa, ou inglesa, ou japonesa, etc. Compete, pois, a quem aborda didaticamente um idioma a utilização de textos literários idiomáticos e, por vezes, textos estrangeiros em dados momentos comparativos, para configurar problemas que impliquem relações múltiplas, como entre o sujeito e a linguagem nos aspectos de subjetivação: por isso, lança-se mão da psicolinguística; entre a linguagem e a sociedade; entre a função simbólica e a sistematização em que se formam seus dados linguísticos; a língua particularizada e seus elementos constitutivos cabendo ainda comparação com outros idiomas, a fim de também decompor dados universais em grupos sociais particulares. Ressalte-se ainda uma abordagem panchrônica, a partir de uma sincronia bem delineada na linha do tempo. Então, a Literatura é a base de estudos de uma língua.

Palavras-chave: Língua e Linguagem. Sincronia e Diacronia. Significado e Significante. Primeira e Segunda Articulações.

ABSTRACT

If we propose a study clipping on language issues, we will need support from literary texts. Thus, as language depends on speech to be socially configured, one can inquire through language that supports bodily expression and individual acts of intonation of orality, presupposing a symbolic existence, and hence the specified linguistic system - as a language - that may emerge as a language, or the Portuguese, or the English, or the Japanese etc. Therefore, it is up to those who didactically approach a speech the use of idiomatic literary texts, and sometimes foreign texts in comparative moments, to configure problems that imply multiple relationships, such as between the individual and language in the aspects of subjectivation: this way who makes use of the psycholinguistics; between the language and the society, sociological; between the symbolic function and the systematization in which their linguistic data is formed; the particularized idiom and its constitutive elements should be compared with another, in order to break down an universal data system into the particular social groups. We also emphasize a panchronic approach, based on a well-delineated synchrony in the timeline. So the literature is the basis of language studies.

Keywords: Language and Language. Synchrony and Diachrony. Meaning and Meaning. First and Second Articles.

1 INTRODUÇÃO

Como colher frutos dos estudos linguísticos para a aprendizagem escolar em qualquer nível? Embora nos nossos dias tenhamos alcançado importantes avanços nas pesquisas linguísticas, precisamos escolher critérios que se ajustem a um roteiro de comportamentos que nos facilitem a aprendizagem de uma língua, tendo em vista sua complexidade abstrata que foi retirada de uma sistematização dos elementos simbólicos da linguagem.

O estágio atual dos avanços das pesquisas linguísticas data principalmente dos principais movimentos de estudos no século XIX, contudo estes avanços partiram de critérios cientificistas a partir do período de pesquisa denominada comparativismo.

Da compilação das dicotomias examinadas no curso de linguística ministrado por Ferdinand de Saussure (1857 - 1913), na Universidade de Genebra (1906 a 1911), os avanços linguísticos dispuseram de sua doutrina com o tema das dicotomias fixadas no Curso de Linguística Geral. Organizado pelos seus alunos Charles Bally e Albert Sechehaye e colaboração de Albert Riedlinger, que veio a se tornar fecunda semente para a teoria linguística moderna.

Como bem alerta a dialética de Hegel: a contradição é o motor do pensamento, e isso, para o senso comum, é o que se constitui numa antítese: o verdadeiro e o falso, portanto, é algo fixo e não complementar. Espera-se sempre uma das duas conclusões: a) ou se aprove b) ou se rejeite em bloco uma busca que resultou em certa validade assertiva. E isso serviria também para uma abordagem se trate de uma pesquisa sobre linguagem.

Entretanto, na linha do tempo, as discussões cambiantes sobre questões linguísticas só alcançaram sentido complementar, realmente, a partir de Saussure, que, mesmo nas “contradições” em que se encontra seu corte epistemológico, a sua pesquisa propõe indagações, como a fez e abriu a linha de pesquisa sobre a semiologia ou, mesmo sobre o seu principal fundamento, “langue / parole” e demais dicotomias.

Mas os questionamentos sobre a linguagem guardam longas datas, bem distantes tanto no Ocidente, cujo berço de discussões provém da antiga Grécia, como no Oriente, e tomemos apenas a Índia, com estudos de Pānini, pois todas as culturas do nosso planeta criaram mitos etiológicos sobre questões da linguagem. Este longo tempo talvez se deva à abordagem que se quis dedutiva e em nenhum momento indutiva: mesmo em relação às línguas históricas, ditas neolatinas, que apresentam discrepâncias notáveis em seus múltiplos locais de desenvolvimento e nas suas fases de evoluções históricas. No entanto, o mais grave das abordagens antigas, chamemos assim a “parole” saussuriana nas investigações sobre a língua

que se realizaram antes de Saussure, desprezavam de certa forma o que muitos pesquisadores, como Varrão (Marco Terêncio Varrão: 116 a.C. - 27 a.C.), que já então reclamava a inclusão da importância da (“parole”) e, mais genericamente, a linguagem: “Ego populi consuetudinis non sum ut dominus, at ille meae est. (De L.L. IX,6) Eu não sou como um dono do costume do povo, mas o indivíduo o é.”

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Onde está a configuração da estruturação da língua, senão na linguagem artística?

Na pesquisa linguística saussuriana, temos a descrição da dicotomia “langue et parole”, ocorre ainda numa tomada abstrata, porque seu ponto de partida fundamental é a “langue”, que é abstrata, supraindividual, produto... entretanto, é uma potencialidade. Enquanto a “parole” que concreta, individual, produção... mas é uma realidade. Assim, o discurso ou a linguagem, como aqui tentamos traduzir “parole”, em geral fica, praticamente, fora, por ser heteróclita e multiforme, enfim, uma substância.

Note-se que há uma superestima no enfoque descritivo da língua tendo como base o aparelho fonador. Somente no passo progressivo da investigação linguística com André Martinet, que se situa ainda no estruturalismo inaugurado por Saussure, mas vem a introduzir a dupla articulação: a primeira quando os elementos significam, ou seja, as categorias gramaticais, como, por exemplo, as preposições, conjunções, pronomes etc., que formam um número delimitado, dado o fato de serem componentes de uma economia e a segunda articulação que não significam, mas distinguem significados, como os fonemas.

Mais adiante com Noam Chomsky que busca ultrapassar a fase classificatória, introduz a ação humana, quando indica a interferência do indivíduo que, desde criança, é capaz de formular uma frase inteiramente nova, nunca ouvida por ele anteriormente na sua existência e introduz, pois, a distinção competência e atuação (*performance*) para descrever a sintaxe.

Mais recentemente Émile Benveniste demonstrou a existência do aparelho formal da enunciação do qual a linguagem humana é formada, ao lado do aparelho fonador, que fora objeto de descrição desde Saussure. O aparelho fonador já é uma criação humana, pois utilizamos parte de órgãos naturais, como uma parte proveniente do aparelho respiratório e do aparelho digestivo para articular elementos linguísticos.

Nas pesquisas de Benveniste, o sistema humano de comunicação permite uma análise dos componentes utilizados no ato de comunicação, o que na linguagem animal, mesmo na impressionante comunicação entre as abelhas, não existem elementos analisáveis. De modo que tais critérios de estudos ainda não ajudam suficientemente a aprendizagem escolar da língua, porque não realçam a importância da linguagem. Com Eugênio Coseriu, temos também a defesa de a linguística dever se mover mais, nestes movimentos partir do de comprovações empíricas dos fenômenos concretos, ou seja, textos literários, por isso, um método indutivo, ou seja, da existência de elocuições sociais, que inclui linguagens diversas, e alcançar uma abstração sistemática, como se fosse sair de expressões como um canário, dois patos, três árvores, etc. e passar aos algarismo arábicos abstratos: um, dois, três, etc. É partir de expressões da linguagem, preferencialmente a artística, (um canário, dois patos etc.) para a abstração da língua um, dois, etc.)

Como no poeta romano Lucrécio (século I - a.C.) diria “De nihilo nihil... *Da natureza das coisas*, I, 151, “Do nada, nada se pode criar”. Ora, a recepção da tradição em cada poeta não é como se criar do nada no sentido de algo inteiramente diferente, porém, será outra, criar a partir de um olhar já existente, mas no sentido latino de *alter, segundo*, e principalmente na derivada deste tema latino: alteridade, quer dizer, complementar¹, porque distinta, conforme aquele sentido mais acima do hegelianismo: reunião dos contrastes entre o universal e o particular, o sentido natural e o espiritual, a noção ideal e a noção real...

Enfim, embora o discurso artístico esteja submetido, múltiplas vezes, a uma perda da sua “aura” em função de novas leituras, como as definiu Walter Benjamin *in: Estética e sociologia da arte*, se realizam em várias épocas e assimila com uma contribuição social de leituras em ferramentas novas como o cinema.

A Bíblia que é considerado o livro mais lido, sua leitura em português já é uma “segunda” leitura, porque é uma tradução, que já uma outra forma de ler. Cria-se um interdito quando compete que se evite primeiramente uma distorção do tema em favor de uma doutrinação religiosa particularizada com uma classificação específica: são muitas as doutrinas religiosas fundadas a partir da Bíblia. Muitas vezes, se deixa escapar uma outra mais antiga: a religiosidade que está lá fixada, que é a do próprio povo hebraico em si. De modo que a fruição de um filme como *Sansão e Dalila* poderá enriquecer uma apreciação futura ao texto bíblico, é claro, desde que o diretor cinematográfico não submeta o roteiro a um desvio político a propósito do tema central, o qual já está comprometido a uma expressão

¹ Ver Houaiss eletrônico, 2009.

em circulações de tradução. Seria possível evitar que uma linguagem artística, submetida a um novo desgaste de sua aura com o frescor da data de sua publicação, sob a qual fora fixada na História, no caso de uma reprodução técnica, mas ainda poderemos colher muito de seus elementos simbólicos.

Mas, enfim, poderemos alcançar a leitura do texto sob o ponto de vista literário ou religioso... é preciso recordar que os governantes de outrora eram extremamente religiosos e descobriram nas vidraças coloridas e distribuídas em igrejas cristãs uma ilustração bíblica para orientação de pessoas que tivessem até mesmo restrições de leituras: assim, eles podiam interpretar a paixão de Cristo sem as letras, mas pela linguagem do desenho.

Ora, seja o discurso artístico uma pintura, uma escultura ou um texto poético, é o fato que ele exprime uma gama do simbolismo que está no signo: verbal e não verbal; daí, a dificuldade, pois os aspectos multiforme e heteróclito da linguagem, como nos chamou atenção o pesquisador Saussure: a linguagem não permite uma abordagem que esgote. Então, é aí que precisamos entender “o não consumir a interpretação”, mas aprender simplesmente “a interrogar” através de comentários frente ao texto discursivo de uma arte. E, sempre a partir de um discurso artístico qualquer, poderemos dar destaque a língua, no tocante à observação de André Martinet: a sua economia de dados, assim como, um alfabeto de vinte e seis letras compõe tanto um dicionário de cem mil palavras como um outro dicionário de trezentas mil palavras, num jogo de trocas com o mesmo alfabeto. Notar-se-á que, neste jogo, acontece de se ocultar algo de sua significação, assim como o arco-íris pode conter sete cores na cultura portuguesa, outra contabilidade menor na inglesa e conforme um pensar cultural fixar um número determinado de cores: inclusive, dificultando um nativo da língua descobrir quais são estas cores.

O Prof. Mattoso Câmara (verbete Linguística) lembra que *A linguística é uma ciência antropológica, referente ao homem e à sua cultura...* Os dicionários fornecem informações variadas sobre um léxico, apontando pronúncia, etimologia, categoria gramatical, definição, construção sintática com exemplos, etc. Semântica estuda a significação das formas linguísticas, em geral, concentra o seu interesse no radical, a parte externa da língua. Sobre o radical, leva-se em conta, na leitura semântica: 1) a polissemia, (quantos significados tem a palavra linha e ponto? Cerca de cem significações, num estudo feito por Othon M. Garcia (2002: 176) 2), pois os campos semânticos: são associações de ideias, conforme uma característica semântica e criados metaforicamente, já que qualquer coisa tem que ser do reino animal, vegetal ou mineral, tem que ter tamanho, formato geométrico, cor, etc.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Recortes da linguagem verbal e não-verbal e sinal (ou um gesto) como substituto de uma palavra, como acontece com um pronome demonstrativo, assumindo valor simbólico, dado um ato de enunciação (linguisticamente, um conjunto de escolhas de um emissor num processo de linguagem vinculado a um contexto, o qual é preenchido com traços psicológicos e sociais no discurso). Uma pessoa a quem se despreza poderia receber um tratamento de pronome assim: *Isso aí me ofendeu!*

Neste caminho que estamos trilhando podemos tomar como exemplos múltiplas situações de palavras simbólicas, surgidas num dado contexto. De modo que devesse ler o que há de econômico na trama do jogo do texto: a competição, a vitória e a derrota. Por exemplo, o termo *equus* latino não passará para o português, porque é uma expressão que só circula dentro da nobreza da Roma Antiga: os patrícios. Como um *equus* fosse um puro-sangue, o termo *equus* não passou para o português historicamente, cuja formação tem a base do Latim Popular, e não a do Latim Erudito dos nobres romanos, como a vemos no atual dicionário com as derivações *equitação*, *equino etc.* A prática da equitação não cabe no mundo plebeu. Só eles, como já se salientou, possuíam um *equus*, a raça de cavalo puro-sangue em oposição ao popular em *caballus*, *cavalo de carga* que passou ao português historicamente na forma “cavalo”. É assim que os quatro cavalos (*equi*) do militar romano Messala concorreram contra os puros-sangues árabes de Ben Hur no romance *Ben-Hur: A Tale of the Christ*, de Lewis Wallace (1827 – 1905), que se transformou em vários filmes com sucesso. E o que significa a vitória de Ben Hur? Poderia ser a insubordinação dos judeus que nunca se submeteram ao militarismo do dominador romano. Os árabes e judeus, unidos, aparentemente num pacto, lutam contra um poder despótico e vencem através de uma corrida de cavalos.

Podemos considerar, também um símbolo em dada época, o termo *balzaquiano*, proveniente do escritor francês Honoré de Balzac (1799-1850) – conforme Houaiss Eletrônico, que escreveu uma obra intitulada *Mulher de Trinta Anos*, *La Femme de Trente Ans*. No cancionário popular brasileiro temos *Mulher de Trinta*, na interpretação do cantor Milton. Tal termo significa a situação feminina da época, ou seja, uma mulher com trinta anos já era mulher vivida e até certo ponto desiludida da vida pelo peso da idade. Atualmente, uma mulher de trinta anos tem outra significação social.

A semântica, com os avanços linguísticos se revestiram de novas leituras, o texto artístico deve apoiar para que se consiga ler nas entrelinhas estes avanços. Assim, do ponto de vista histórico a semântica é um pioneirismo recente de Michel Bréal (1832-1915) *in Essai de*

sémantique. Com o húngaro Stephen Ullmann (1914 - 1976), temos um estudo histórico cultural, como no exemplo de Mattoso Câmara (s/d: SEMÃNTICA):

a) histórico cultural (...) ex.: pena, “para escrever” que é hoje uma peça de metal e era antigamente uma pena de ganso); b) psicológica, (...) (ex.: vilão “camponês, que designa hoje, mais comumente, “indigno”, (...)“camponês, do ponto de vista dos nobres); c) lógica, (...) (ex.: tela “pintura, por metonímia, ou serra “cadeia de montanhas”, por metáfora; d) formal, (...) (ex.: emérito “notável”, por causa da forma da palavra, que faz lembrar “mérito”; e) sintagmática, (...) (ex.: o brasileiro “levado” “travesso”, decorrente da expressão “levado da breca” “arreatado por uma fúria demoníaca); f) social, (...) (ex.: “éter” “certa substância volátil”, em virtude da transferência, para a língua especial da química, da palavra significando “puro ar superior”).

Mas a semântica é um termo que *Saussure não usou* (MACEDO, 2012, p.16), e tem sido considerada uma teoria linguística menos ampla do que a semiologia, porque o seu objeto de estudo é, exclusivamente, sobre o sentido dos elementos da linguagem verbal: prefixos, sufixos diminutivos, morfemas flexionais, a polissemia, a sinonímia, antonímia, metáfora, metonímia etc. Uma leitura deve observar a coerência. No entanto, na linguística a coerência é inseparável da coesão que, por sua vez, contém a noção de gramaticalidade, assegurada em marcadores de conectividade. Na análise do discurso, é preciso redefinir a coerência e coesão. Há de se prestar atenção na interação que possa ocorrer nessa articulação em relação ao objetivo do texto.

Por exemplo, a tradução do latim de *imbecillus, a, um*, na frase de Cícero, deverá ser: *At ita multi sunt imbecilli senes, ut nullum officii, aut omnino vitae munus exsequi possint* (Cato Major seu De Senectute, 35) *Mas muitos velhos são tão fracos, que não poderia realizar completamente nenhuma função ou tarefa da vida.* Só mesmo diante de um texto ciceroniano é que podemos afirmar que o Autor não chamaria o velho de “imbecil” em português, porque em latim e conforme o dicionarista Francisco Torrinha, o termo vem de *Talvez de baculum com o pref. in-. Baculum, -i, bengala*, com apofonia, devido ao prefixo e no diminutivo, formará: *imbecillus*. Assim, uma tradução: *Mas, assim, muitos velhos são “imbecis”, (...) que ocorreu num concurso público na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nos idos de 1980, está errada. Não houve a escolha da significação correta, contida numa das indicações possíveis do dicionário.*

A linguística gerativa simplificou a complexidade (sentido, significação, valor etc.) Concebeu o problema como um enunciado sempre completo em “eu recebi seu livro”, a diferença corre por conta do contexto: = livro que ele escreveu / livro que ele me enviou. Fez distinções como frase gramatical e frase agramatical (*apud* CRYSTAL: gramatical (gramaticalidade - agramatical)): *Incolores ideias verdes dormem furiosamente* é gramatical e assemântica, por outro lado *Mim querer comer* é agramatical e semântica.

Como se lê mais acima, um signo linguístico pode apresentar uma significação momentânea no seio social de uma dada época. Tal estudo deve ser realizado pela semiologia, nome de um projeto de Ferdinand de Saussure (1857 – 1913), ou semiótica, denominação de Charles Sander Peirce (1839 – 1914). A semiologia, concebida na pesquisa saussuriana, é o estudo da vida dos signos, verbal e não verbal, no seio social.

R. Barthes sublinha a atualidade destas pesquisas numa época de desenvolvimento das comunicações de massa. Mas a pobreza que se oferecem à análise semiológica [código de trânsito, semáfora, etc.] leva-o a notar que cada conjunto semiológico importante demanda a passagem à língua: “Todo sistema semiológico se impregna de linguagem.” Assim, a semiologia seria um ramo da linguística e não o inverso. A semiologia é a ciência das grandes unidades significantes do discurso: nota-se que tal definição da semiologia aproxima-a da semiótica... DUBOIS, 1978: SEMIOLOGIA)

Semiótica é termo cunhado por Charles Sanders Peirce e é uma pesquisa que difere “(...) da semiologia provinda do ensinamento de F. de Saussure, no entanto, ela se recusa a destacar a linguagem e a sociedade, ” (DUBOIS *et al.*, 1978: SEMIÓTICA), Ou seja, a leitura de Roland Barthes tem como fonte o projeto de Saussure. O estudioso francês destaca a atualidade dos estudos saussurianos ao interpretar a linguagem das comunicações de massa com análise semiológica do código de trânsito, vestuário, cardápio alimentício etc. E conclui que, *Todo sistema semiológico se impregna de linguagem* (*apud* DUBOIS *et al.*, 1978: SEMIOLOGIA)

In Portella, 1979, o ensaio de Muniz Sodré, intitulado, *Semiologia e Literatura*, se estende da página 162 a 171 e examina as palavras como *imago mundi*, *imagem do mundo*, como na página 162, afirma:

Toda literatura implica numa “semiose”, isto é, num processo de significação cuja produção está ligada ao valor artístico. O alcance profundo desse valor deve ser buscado na articulação do texto literário com a História. Em outras palavras, o valor artístico de uma obra parece residir na maior ou menor apreensão que o texto realiza da situação do ser humano confrontado com a realidade da História e do Inconsciente (em especial, o mito, mantido pelas formações discursivas do Inconsciente). Isto não significa que o texto literário contenha a figuração da aparência da estrutura social (ou seja, do real histórico), mas que contém aquilo que ficou latente na História, já que não foi dito pela linguagem. Assim, a obra indica

uma falta, uma ausência, que repercutem no homem. É, portanto, uma lacuna de História que transparece, como palavra não pronunciada, no texto literário.”

Nas trocas e transferências, a sociedade e o indivíduo social, munidos com os discursos artísticos, se circunscrevem num dado contexto linguístico, delineados por local e tempo. As palavras inscritas numa constelação semântica biossocial, ou seja, dotadas da união de uma ideia e da imagem acústica, tais signos verbais constituem a estruturação do Homem, como o afirma Benveniste (p. 45): *O homem inteiro é um signo, seu pensamento é um signo, sua emoção é um signo.*

3 CONCLUSÃO

A arte literária como configuração subjaz em múltiplas “fôrmas”: prosa ou verso e se volta para si mesmo, com significado plural. E ainda sobre um texto científico, suponhamos uma linguagem médica ao diagnosticar o falecimento de um doente atingido por uma bala de revólver na jugular: seu diagnóstico provável é “anemia com a perda de excesso de sangue”, já que cientificamente a bala nem sempre mata, mas a “anemia” sim.

Numa poesia como a de Chico Buarque, um atropelado, na música *Construção*:

*E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público.*

As palavras do poeta se tornam pródigas em paradoxos e em ambiguidades, trata-se de uma multissignificação simbólica. Dado esse simbolismo, ela não se submete a uma “gramática normativa” pertencente a uma abordagem tradicional, donde uma leitura cientificamente, ou seja, apenas através do sistema linguístico do texto, e não do simbolismo da linguagem literária, “pacote tímido”, “passeio náufrago” etc. seriam expressões equivalentes àquela concepção de não-gramaticalidade da linguagem. Exatamente como no exemplo de Chomsky: *Colorless green ideas sleep furiously* (*ideias verdes incolores dormem furiosamente*) – frase incompatível com o sistema linguístico; nem, muitas vezes, há obediência a um “gênero”, donde a pergunta (SOARES, 2010, p.9): (...) *a divisão tripartida (gênero lírico, épico e dramático) daria conta de todos os textos literários?*

Uma leitura como a do mito grego feita pela forma poética de Monteiro Lobato em suas obras pode não satisfazer a um especialista, mas desperta a força da simbolização existente no homem. É daí que vem o interesse de quem não conhecia a mitologia antes.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. **Estética e sociologia da arte**. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: 2017.
- BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral**. Tradução de E. Guimaraes *et alii*. Campinas - SP: Pontes, 2006. Vol. I e II.
- BRANDÃO, J. S. **Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia e da Religião Romana**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 1986. 3 v.
- CASSIRER, E. **Linguagem e Mito**. Tradução de J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- CHANTRAINE, P. **Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque: Histoire de Mots**. Paris: Klincksieck, 1999.
- CHARAUDEAU, P; MANGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Tradução coordenada por Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHEVALIER, J; GHEERBRANDT, A. **Dicionários de Símbolos**. Tradução de Vera Silva *et alii*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- COSERIU, E. **Teoria da linguagem e linguística geral**. Tradução de Agostinho D. Carneiro. São Paulo: Presença, 1979.
- CRYSTAL, D. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Tradução de Maria C. Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- DUBOIS, J *et alii*. **Dicionário de Linguística**. Tradução de F. Pessoa de Barros *et alii*. São Paulo: Cultrix, MCMLXXVIII.
- GARCIA, O. M. **Comunicação em Prosa Moderna**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- HARK, H. (Org.). **Léxico dos Conceitos Junguianos Fundamentais: a partir dos originais de C.G. Jung**. Tradução de Maurício Cardoso. São paulo: Loyola, 2000.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o Jogo como Elemento da Cultura**. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: **Perspectiva**, 1980.

HOUAISS, A. Dicionário eletr. Houaiss da l. portuguesa. RJ: Objetiva. V.1.0 [CD-ROM], 2009.

JAEGER, W. **Paidéia**: a Formação do Homem Grego. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LOPES, E, **Fundamentos da Linguística Contemporânea**. São Paulo: Cultrix, MCMLXXVI.

MACEDO, W. **O Livro da Semântica**: Estudo dos Signos Linguísticos. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

PORTELA, E *et alii*. **Teoria Literária**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini *et alii*. São Paulo: Cultrix, MCMLXXVII.

SOARES, A. **Gêneros Literários**. São Paulo: Ática, 2010.

VARRÃO. **De Lingua Latina**. Texto estabelecido e traduzido por R.G. Kent, London, Page, 19512. ooks V- X.

WELLEK, R; WARREN, A. **Teoria da Literatura**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1962.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

SILVA, A. C; SANTOS, A. M. S. Literatura e Ensino de Língua. **Rev. FSA**, Teresina, v.17, n. 2, art. 12, p. 225-236, fev. 2020.

Contribuição dos Autores	A. C. Silva	A. M. S. Santos
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X